

DA TENSÃO AO OTIMISMO

A equipe econômica começou o dia de ontem tensa, pois a cotação do real em relação ao dólar estava despenhando e o poço poderia não ter fundo. Mas ao final da tarde, depois da constatação de que o valor do dólar não havia estourado, o otimismo tomou conta do governo, pois sem intervenção do Banco Central, o mercado definiu cotação que não fulminou o real.

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, afirmou que a reação à liberação do câmbio foi positiva, apesar de a situação ainda estar indefinida. "Não está nada claro

ainda. Vamos ter que esperar alguns dias, mas acho que vamos ter um evento positivo nesta área". Ele aproveitou o próprio otimismo para tentar melhorar as expectativas dos investidores quanto à capacidade de o Brasil cumprir as metas acertadas no recente acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

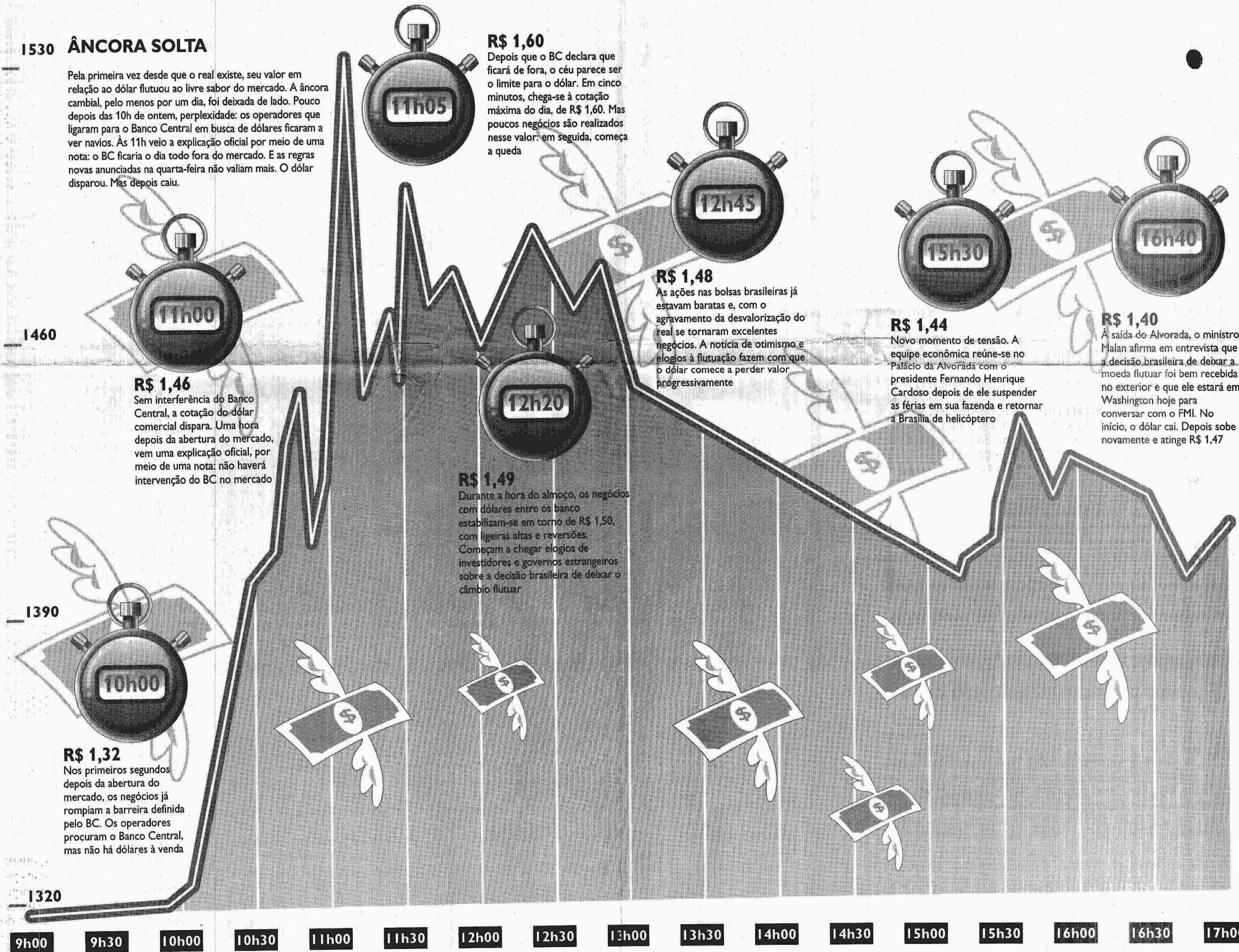
Depois, anunciou que foi atingido o resultado primário do Tesouro Nacional, Previdência Social e Banco Central, fixado em superávit (receitas superiores às despesas) de R\$ 5 bilhões. Também houve sucesso

com a meta de déficit para o setor público, que inclui as contas de estados, municípios, empresas estatais e gastos com juros. O déficit não ultrapassou os R\$ 72,879 bilhões negociados com o FMI. Malan garantiu também que os resultados esperados para 1999 serão atingidos.

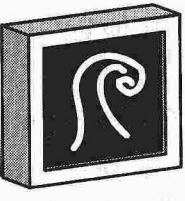
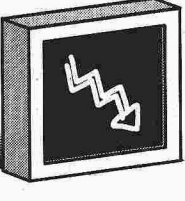
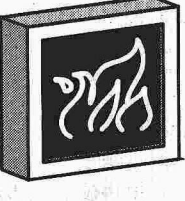
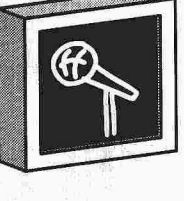
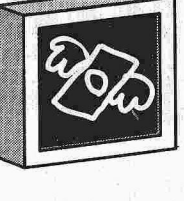
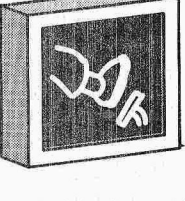
Tom semelhante foi usado pelo secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Pedro Parente. Na avaliação dele, as bolsas de valores reagiram muito bem e as cotações da moeda estrangeira não foram exageradas, registrando até um recuo no fim

do dia. "Ficou claro que a movimentação que havia sido feita na última quarta-feira não estava dando resultados. Precisávamos preservar as reservas cambiais" (volume de dólares em poder do Banco Central), disse.

O Governo não vai alterar o cronograma de leilões semanais do Tesouro Nacional. Na próxima terça-feira continuarão sendo vendidas as Notas do Tesouro Nacional, série S, que têm rendimento pré e pós-fixado. No próximo dia 30, também serão vendidos títulos indexados ao dólar no valor de R\$ 500 milhões.



TEMPERATURA MÁXIMA EM JANEIRO

-  As turbulências financeiras de janeiro começam no dia 4, segunda-feira. Itamar Franco, recém-empossado no governo de Minas, fala em parar de pagar o que o estado deve ao governo federal. Dois dias mais tarde, anuncia moratória de três meses. Outros governadores de oposição sugerem a possibilidade de fazer o mesmo. Governadores aliados ao presidente garantem honrar seus pagamentos desde que os opositoristas não consigam benefícios por pressão.
-  O Palácio do Planalto pune Minas com a retenção de repasses. Mesmo assim, os investidores internacionais e brasileiros acham que a crise vai se agravar. O temor é de que, com o calote e a dificuldade de aprovar aumentos de impostos no Congresso, as metas do FMI não sejam cumpridas. As bolsas do Brasil e em outros países caem. Até mesmo o dólar perde valor frente a outras moedas, como o euro, a libra e o ien. O mundo todo acompanha o que acontece no Brasil.
-  No final da semana passada, o governo já planeja, em sigilo, mudar as regras de câmbio e substituir o presidente do Banco Central, Gustavo Franco, pelo diretor Francisco Lopes. A crise da dívida dos estados não é a causa disso, mas contribui. A idéia é esperar cerca de dez dias para fazer as mudanças. Mas, com os impasses políticos, a fuga de dólares do país se acentua. Só na terça-feira sai US\$ 1,2 bilhão.
-  Ainda na terça à noite, o ministro Malan e o presidente Fernando Henrique Cardoso avaliam que não dá mais para esperar: a desvalorização do real tem que ser imediata. Gustavo Franco demite-se e anuncia publicamente na quarta que não teria "isenção" para aplicar as medidas. Em seguida, o novo presidente do BC explica a novidade: o limite para o preço do dólar passará a ser R\$ 1,32 em vez de R\$ 1,20. E novo patamar poderá ser decidido a cada três dias.
-  O mercado reage mal às mudanças, com a suspeita de o real será ainda mais desvalorizado. Pouco depois de o teto de R\$ 1,38 ser anunciado, o dólar atinge esse limite. Na quarta-feira, sai US\$ 1 bilhão. Além de o Banco Central tentar segurar a cotação, o Banco do Brasil entra no mercado vendendo dólares. De nada adianta: na quinta-feira, sai mais R\$ 1,8 bilhão. As bolsas do Brasil despencam, carregando para baixo outros mercados do mundo.
-  A sexta é o dia da perplexidade. Pela primeira vez na história do Real, o BC fica fora do mercado de câmbio. A cotação dispara, mas depois recua e se estabiliza. As bolsas disparam, a de São Paulo atinge 33,4%. O presidente Fernando Henrique Cardoso interrompe suas férias pela segunda vez na semana e retorna a Brasília. Em rede nacional de TV, atribui a crise, em parte, a "declarações irresponsáveis" sobre as dívidas dos estados.